

**EXPERIÊNCIA E POBREZA: UM OLHAR PARA REALIDADE A PARTIR DE  
WALTER BENJAMIN****EXPERIENCE AND POVERTY: A LOOK AT REALITY FROM WALTER  
BENJAMIN****EXPERIENCIA Y POBREZA: UNA MIRADA A LA REALIDAD DESDE  
WALTER BENJAMIN**Maurício Inácio dos Santos<sup>1</sup>**RESUMO**

A busca por compreender o sentido de experiência na vida humana marcou os escritos de Walter Benjamin. Sua obra é permeada por essa busca e pela compreensão do seu empobrecimento com o advento da modernidade, a partir dos diversos inventos, técnicas e tecnologias que mudaram radicalmente a existência do indivíduo em sociedade. Experiência e pobreza: um olhar para realidade a partir de Walter Benjamin é uma reflexão sobre o empobrecimento do sentido experiência em nossos dias, considerando o olhar benjaminiano. O objetivo deste artigo é discutir, em breves palavras, como o conceito e reflexão sobre experiência e sobretudo o seu empobrecimento é ainda importante e capaz de ajudar na compreensão de nossa realidade. Trata-se de uma proposta de reflexão dos textos de Benjamin que tratam do tema experiência, sobretudo “Sobre o programa de filosofia do por vir” e “Experiência e Pobreza”, tomando como referência a discussão entre vivência e experiência, ambas capturadas pela sociedade capitalista, tornando-se empobrecida e desconectada da realidade. Resgatar o verdadeiro sentido de experiência que possa nortear a existência humana é um imperativo que se impõe. Como superar a mecanização da vida impetrada pela tecnologia é questão que se apresenta na tentativa não de negação da tecnologia, mas de uma reflexão crítica de suas influências subjetivas no indivíduo e em uma sociedade movidos pelo excesso de informação e tecnologia. Buscar o sentido da experiência, na perspectiva benjaminiana, pode ser um caminho de reconstrução do ser humano tão danificado e diminuído em uma sociedade que primou demasiadamente pela razão e pela técnica.

**Palavras-chave:** Experiência; Vivência; Tecnologia; Empobrecimento; Sociedade.

**ABSTRACT**

The search to understand the meaning of experience in human life marked the writings of Walter Benjamin. His work is permeated by this search and by the understanding of his impoverishment with the advent of modernity, based on various inventions, techniques and technologies that radically changed the existence of the individual in society. Experience and poverty: a look at reality from Walter Benjamin is a reflection on the impoverishment of the sense of experience in our days, considering Benjamin's perspective. The objective of this article is to discuss, in brief, how the concept and reflection on experience and especially its impoverishment is still important and capable of helping to understand our reality. This is a proposal for reflection on Benjamin's

---

<sup>1</sup> Mestre em Educação pela Universidade Federal de Lavras – UFLA e Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Educação - PPGE, da Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. Graduado em História pela Universidade Vale do Rio Verde – UNINCOR; em Pedagogia pela Universidade Federal de São João Del Rei – UFSJ; Bacharel em Teologia pela PUC-RJ e formado em Filosofia pelo Instituto filosófico São José – Campanha-MG.



texts that deal with the theme of experience, especially “About the philosophy program to come” and “Experience and Poverty”, taking as a reference the discussion between experience and live in the moment, both captured by capitalist society, becoming impoverished and disconnected from reality. Rescuing the true sense of experience that can guide human existence is an imperative that is imposed. How to overcome the mechanization of life brought about by technology is a question that arises in an attempt not to deny technology, but rather to critically reflect on its subjective influences on the individual and on a society driven by excess information and technology. Seeking the meaning of experience, from Benjamin's perspective, can be a way of supporting human beings who are so wounded and diminished in a society that places too much emphasis on reason and technique.

**Keywords:** Experience; Live; Technology; Impoverishment; Society.

## RESUMEN

La búsqueda por comprender el significado de la experiencia en la vida humana marcó los escritos de Walter Benjamin. Su obra está impregnada de esta búsqueda y de la comprensión de su empobrecimiento con el advenimiento de la modernidad, a partir de diversos inventos, técnicas y tecnologías que cambiaron radicalmente la existencia del individuo en la sociedad. Experiencia y pobreza: una mirada a la realidad desde Walter Benjamin es una reflexión sobre el empobrecimiento del sentido de la experiencia en nuestros días, desde la perspectiva de Benjamin. El objetivo de este artículo es discutir, brevemente, cómo el concepto y la reflexión sobre la experiencia y especialmente su empobrecimiento sigue siendo importante y capaz de ayudar a comprender nuestra realidad. Esta es una propuesta de reflexión sobre los textos de Benjamin que abordan el tema de la experiencia, especialmente “Sobre el programa de filosofía del futuro” y “Experiencia y Pobreza”, tomando como referencia la discusión entre experiencia y vivir el momento, ambas capturadas por la sociedad capitalista, empobreciéndose y desconectándose de la realidad. Rescatar el verdadero sentido de la experiencia que puede guiar la existencia humana es un imperativo que se impone. Cómo superar la mecanización de la vida provocada por la tecnología es una cuestión que surge en un intento de no negar la tecnología, sino más bien de reflexionar críticamente sobre sus influencias subjetivas en el individuo y en una sociedad impulsada por el exceso de información y tecnología. Buscar el significado de la experiencia, desde la perspectiva de Benjamin, puede ser una forma de apoyar a los seres humanos que están tan heridos y disminuidos en una sociedad que pone demasiado énfasis en la razón y la técnica.

**Palabras clave:** Experiencia; Vivir; Tecnología; Empobrecimiento; Sociedad.

## INTRODUÇÃO

O estudo sobre a experiência em Walter Benjamin, ainda que nos leve ao passado, nos remete imediatamente ao presente. A reflexão sobre a experiência em Benjamin, no conjunto dos seus escritos, nos convida a pensar em nossos dias. O que é experiência e o qual o seu lugar na existência do ser humano em uma sociedade marcada pela influência de tantas tecnologias que aceleraram a vida humana, tornando-a subtraída do ser humano, era uma questão que despertou questionamentos e reflexões profundas deste autor alemão, já no início do século XX.

O conceito de experiência é amplo e marcado por muitos significados. De forma geral, “experiência” vem do verbo experienciar. Está relacionada com o conhecimento ou aprendizado obtido através da prática ou da vivência: experiência de vida; experiência de trabalho. Pode se falar de algo que marcou e que está relacionado a um passado. A palavra tem como sinônimos: prova, experimento, teste, ensaio.

Walter Benjamin, construiu um conjunto de conceitos e reflexões que ilumina a concepção de experiência na modernidade, como por exemplo memória, esquecimento, emudecimento, perda da aura, tradição, experiência, vivência, choque, tradição, entre outros, capazes de oferecer aos nossos olhos e à nossa reflexão uma compreensão de muitas experiências que marcam o existir humano. Porém, na constelação de conceitos e percepções sobre a experiência em Walter Benjamin, este texto procurou refletir sobre o seu sentido no advento da modernidade com os inventos tecnológicos que estão presentes na vida das pessoas. Além de procurar demonstrar um outro conceito de experiência, diferente daquele que dominava as discussões e entendimento de sua época e que representava, aos seus olhares, um reducionismo ético e epistemológico, buscou apontar seu apequenamento, seu empobrecimento diante dos avanços da modernidade em detrimento da tradição e da cultura do passado.

A questão-problema desta reflexão consiste em compreender o que é este empobrecimento da experiência e como ele impacta os seres humanos em suas relações consigo mesmo e com o outro. Por isso, revisitar, por meio de uma leitura atenta, aos principais textos bejaminianos sobre a experiência, é o caminho metodológico escolhido para perceber o itinerário da construção deste conceito, na percepção do autor e construir conexões possíveis de análise de situações concretas em nosso cotidiano.

O objetivo deste artigo é discutir, em breves palavras, como o conceito e reflexão sobre experiência e sobretudo o seu empobrecimento em Walter Benjamin é ainda importante e capaz de ajudar na compreensão de nossa realidade. O estilo ensaísta deste autor requer uma leitura e releitura atenta ao jogo de suas palavras e ideias que evocam imagens e reflexões. Dialogando com o presente, sua reflexão convida a pensar sobre o sentido de experiência na vida das pessoas.

No conjunto de tantas produções e pesquisas sobre o autor, suas ideias e reflexões ajudam a compreender processos sociais e históricos importantes, como por exemplo, limitações em fazer experiências diante de uma sociedade movida pelo instantâneo, pela rapidez ou ainda pela incapacidade de rememorar e narrar o passado e nele encontrar referências norteadoras para tomar decisões e buscas de sentido para a vida.

Experiência e pobreza: um olhar para realidade a partir de Walter Benjamin, é um convite e uma tentativa de reflexão sobre as possibilidades e limites de se fazer experiência na atualidade.

## A QUESTÃO DA EXPERIÊNCIA EM WALTER BENJAMIN

Segundo Jeanne Marie Gagnebin (2009, p. 55), em seu texto “História e narração em Walter Benjamin”, o tema da experiência é o conceito central da filosofia de Walter Benjamin, presente em toda a sua obra desde a juventude. No conjunto dos seus textos<sup>2</sup>, Benjamin apresenta inquietações teóricas em relação ao pensamento de Kant<sup>3</sup>. Procurou defender um novo conceito de experiência que superasse a limitação, segundo sua visão, do conceito kantiano, visto por ele, como insuficiente e reducionista para compreender e explicar as infinitas possibilidades da experiência moderna. Benjamin parte de críticas ao conceito que Kant tinha sobre experiência, como forma de ampliar este conceito de modo que pudesse ser aplicado a uma totalidade de situações e tudo o que faz parte do existir humano.

O ponto de início da reflexão de Benjamin sobre experiência é o texto “Sobre um programa de Filosofia Futura” de 1918. Neste texto, o autor discute a possibilidade de uma nova concepção de experiência, diferente daquela defendida por Kant, que estava relacionada a ideia de que ela seria resultado dos dados sensoriais elaborados pelo intelecto, isto é, o conhecimento empírico implicaria numa participação intelectual dos dados sensoriais. As sensações seriam matéria bruta e que depois de elaboradas pelo entendimento, tornar-se-iam experiências.

Para Kant, o progresso do conhecimento seria resultado de várias sínteses e a experiência seria fruto de diversas sínteses a posteriori. Portanto, as categorias da espontaneidade do entendimento criariam a possibilidade da experiência em um processo de adaptação entre a experiência exterior, o que se capta pelos sentidos e a experiência

---

<sup>2</sup> Os textos que tratam sobre a concepção de experiência para Benjamin são: “Experiência” de 1913; “Sobre o programa de Filosofia para o futuro” (1918); “Experiência e Pobreza (1933); “O Narrador” (1936); “Teses sobre História” (1939). Nestes últimos, Benjamin reflete sobre o problema do empobrecimento da experiência e a necessidade de sua reconstrução.

<sup>3</sup> Immanuel Kant, filósofo alemão do século XVIII, foi um dos mais célebres filósofos modernos. Autor de uma vasta obra, o pensador operou o que chamou de “revolução copernicana na Filosofia”. Escreveu algumas das principais obras da modernidade. Kant fundou uma nova teoria do conhecimento, chamada idealismo transcendental, e a sua filosofia, como um todo, fundou o criticismo, corrente crítica do saber filosófico que visava, como queria Kant, a delimitar os limites do conhecimento humano. (ABBAGNANO, 2000)

interior, a força do entendimento. Assim, a razão teria primazia sobre a experiência, por meio da técnica.

Segundo Benjamin (1986), Kant e os iluministas, influenciados por uma perspectiva mecanicista dominada pela ciência e pelas inovações físicas e matemáticas incorreram em uma concepção restrita de experiência entendida pelo autor como de nível baixo, dentro do período iluminista.

Esta experiência singular era, pois, como já se insinuou, temporalmente limitada, e deste [...] essa forma que de certo modo compartilha com toda experiência, e que podemos no sentido mais pleno chamar de concepção de mundo, foi a experiência do Iluminismo. Diferencia-se dos precedentes séculos da era moderna no que são aqui traços essenciais, e ainda assim, não tanto como pudera parecer. Foi além do mais uma das experiências ou concepções de mundo de mais baixo nível (BENJAMIN, 1986, p. 2).

Jarek (2014, p. 301), em seu texto “Por uma outra experiência na educação”, corrobora com essa afirmação benjaminiana ao demonstrar que esse completo enquadramento da vida na questão racional, focado no ordenamento e classificação reflete os sintomas de angústia do sujeito burguês sobre o qual se fundou o Iluminismo, angústia que resulta da limitação da experiência pela razão.

Olgária Matos (1993, p. 123), em seu texto “O Iluminismo visionário: Benjamin, leitor de Descartes e Kant”, acrescenta que Benjamin propunha outras formas de experiência, como a experiência religiosa, cultural, estética, histórica, entre outras, como enfrentamento ao individualismo racionalista imposto por uma experiência reducionista, matematicista e mecanicista oriunda do próprio Iluminismo (p. 135).

A intuição benjaminiana parte do desejo de elaboração de um conceito de experiência que possa ser superior a percepção kantiana. Neste sentido, defendia Benjamin (1970), haveria necessidade de admitir um novo conceito de conhecimento que implicaria em uma nova representação de mundo. O autor berlinense coloca em questão a possibilidade da busca da certeza de uma experiência que permaneça, tenha dimensão atemporal e duradoura, em contraposição a uma experiência temporal e passageira.

Na sua visão, deveria se afirmar a supremacia da filosofia e reconhecer que o seu conhecimento é expresso pela linguagem e não condicionada a números, a quantificação e comprovação. Seria justamente esta questão da linguagem que criaria a possibilidade de um conceito de experiência mais amplo, em contraposição a Kant, pois,

um conceito de experiência a partir de uma reflexão sobre sua essência linguística possibilitará elaborar um conceito de

experiência correspondente, que permitirá abarcar regiões cuja sistematização efetiva Kant não alcançou. Entre essas regiões supremas cabe mencionar a da religião (BENJAMIN, 1986, p. 16.).

O conceito de experiência para Benjamin toma como base a expressão *Erfahrung*, aquela experiência que se vive com o tempo, com vínculos com o passado, que toca e permanece e pode ser partilhada, tendo como oposto o conceito de vivência, a partir da expressão *Erlebnis*, experiência do momento, passageira, sem conexão com o passado. Ao retomar o estudo do conceito de *Erlebnis* em Benjamin temos uma referência ao alemão *Erleben*, que nos remete a ideia do estar vivo enquanto um fato acontece, experiência do aqui e agora. Vivência porque se testemunha o momento, no sentido de provisoriedade, fugacidade, como algo isolado e segundo Konder (1998, p. 72), no texto “Walter Benjamin: marxismo da melancolia”, neste sentido, uma vivência apegada as exigências de uma existência prática, ligada a cotidianidade, permeada pela pressa e pelos efeitos imediatos de algo que precisa ser assimilado, pois senão pode passar e cair no esquecimento.

Assim, Konder (1998), corrobora na compreensão de que emerge um tipo de homem e humanidade que vive o presente sem laços com o passado, entorpecido pelos apelos da sociedade consumista, desorientado e sem norte, mediante uma velocidade que caracteriza todas as suas ações e vivências, induzido ao esquecimento, sem espaço para a memória.

A experiência para Benjamin (1986) é o conhecimento que se obtém através daquilo que se acumula no indivíduo, que se desdobra como permanência. Daí a expressão *Erfahrung*, derivado do alemão *Fahren*, que remete a ideia de viagem que supõe um tempo capaz de dar sedimento as coisas ou processos e modos de vida individual e coletiva que se alimentam pela partilha, intimidade, vínculos e que se estabelecem pela força da memória.

## O APEQUENAMENTO DA EXPERIÊNCIA NA MODERNIDADE

Benjamin refere-se ao apequenamento desta experiência na modernidade, que segundo ele é uma experiência diminuída, retrato de indivíduos que não se pautam mais no coletivo, na tradição, na memória, na comunidade. A técnica fez perder o sentido de tudo, enfraquecendo e esfacelando as experiências (BENJAMIN, 1986).

Em “Experiência e Pobreza” escrita em 1933, Benjamin (1986), identifica vários campos como a arte, a cultura, a história, entre outros, onde se estabeleceu um empobrecimento da experiência com a modernidade. A imagem de um ancião à beira da morte comunicando aos seus filhos o seu tesouro, nos remete a lição de transmissão de experiência, que conferiria autoridade aos mais velhos, que a consolidava e perpetuava por meio da história, da narrativa que sedimentava o ver, viver, contar, ouvir e transmitir, engendrando no tempo a memória, como força que sedimenta uma experiência.

No entanto, Benjamin, alerta para o processo de enfraquecimento da experiência com questionamentos provocadores:

O que foi feito de tudo isso? Quem ainda encontra pessoas que saibam contar histórias como elas devem ser contadas? Que moribundos dizem hoje palavras tão duráveis que possam ser transmitidas como um anel, de geração em geração? Quem é ajudado, hoje, por um provérbio oportuno? Quem tentará, sequer, lidar com a juventude invocando sua experiência? (BENJAMIN, 1986, p. 114).

Em decorrência da afirmação e dos questionamentos acima, pode-se afirmar com Benjamin, que a experiência se constituía em uma forma comunitária de organizar e viver a vida, marcada pelo rito de passagem e transmissão, pelos gestos, ações, sentimentos, memória, partilha, onde o individual se conectava com uma rede de significados coletivos que permitia um intercâmbio de experiências que eram construídas e que reforçava a identidade de um grupo, por meio da vivência concreta de intimidade e vínculos afetivos.

Para Benjamin (1986), a experiência é o elo que nos vincula ao passado em seu aspecto social, histórico e cultural, no sentido material e imaterial. Porém, a humanidade está apartada desta experiência, vivendo um estado de empobrecimento que não é individual, mas diz respeito a humanidade como um todo (p. 115). Com o empobrecimento da experiência, essa perde o seu significado, abrindo espaço para a barbárie.

É justamente num contexto de muitos acontecimentos que culminaram num estado de barbárie que Benjamin percebe este processo de empobrecimento: supremacia da técnica e do progresso, grandes guerras, crise econômica mundial, ascensão do nazismo e do fascismo.

Benjamin destaca a dimensão da experiência empobrecida ao testemunhar e refletir sobre a condição dos pós-guerra e da crise econômica nos primeiros anos do século XX. Sofrimento, morte, horror, fome e miséria, entre outros, provocaram o

emudecimento e a pauperização da experiência.

Na época já se podia notar que os combatentes tinham voltado silenciosos do campo de batalha. Mais pobres em experiências comunicáveis, e não mais ricos (...) Porque nunca houve experiências mais radicalmente desmoralizadoras que a experiência estratégica pela guerra de trincheiras, a experiência econômica pela inflação, a experiência do corpo pela fome, a experiência moral pelos governantes (BENJAMIN, 1986, p. 114-115).

Para além das guerras e seus horrores, Benjamin, percebe na questão do progresso tecnológico moderno, também uma forma de miséria e empobrecimento, ao lançar o homem numa procura frenética pela questão da espiritualização:

Uma nova forma de miséria surgiu com esse monstruoso desenvolvimento da técnica, sobrepondo-se ao homem. A angustiante riqueza de ideias que se difundiu sobre as pessoas com a renovação da astrologia, da ioga, da *Christian Science*, da quiromancia, do vegetarianismo, da gnose, da escolástica e do espiritualismo (BENJAMIN, 1986, p.115).

Estas múltiplas formas de busca de renovação espiritual refletem o cansaço em relação a técnica e conseqüentemente um empobrecimento da experiência, pois, para Benjamin (1986, p. 115), constituíam, não em uma renovação espiritual autêntica, mas numa galvanização, uma experiência de revestimento superficial, querendo fazer desta um refúgio, uma espécie de proteção dos males dos tempos. Para Benjamin (1986), com a modernidade a experiência se esmoreceu, tornou-se ínfima, pois, na complexidade desta sociedade o indivíduo vive cada vez mais ao seu jeito, atomizado em seus pequenos e próprios mundos, enquadrados em seus espaços reais e em nossos dias, imerso ao emaranhado de redes sociais e outros dispositivos da internet. Cada vez mais prevalece os comportamentos individualizados em uma sociedade, marcadamente caracterizada pela comunicação eletrônica instantânea que mesmo aproximando, tem poder de afastar pessoas umas das outras, em um triste paradoxo.

Nesse processo de enfraquecimento da *Erfahrung*, segundo Benjamin (1986), o homem moderno passou a valorizar o romance a informação jornalística em detrimento da memória e narração tradicional, da formação passada de geração em geração pelos mais velhos, que exigia no momento da narrativa, ouvir, ler e interpretar, internalizando a experiência. Trocou-se, segundo o frankfurtiano, o saber experiencial contido no passado, na narração, pela praticidade e utilidade do presente, o imediatismo da informação, descontextualizada e enfraquecida de sentidos.

Nesta lógica, o caráter pragmático da sociedade administrada se impôs, onde o





que não pode ser experimentado e utilizado, deve ser descartado. Com isso, assinala Benjamin (1986, p. 114), perdemos o vínculo com o conto, com a narração, com o aprendizado oral herdado de nossos antepassados, com a história material que nos precede e ficamos à mercê de uma eterna novidade: nossos atos estão fadados e são reféns de um eterno hoje, com um prazo de validade preso ao momento do próprio acontecimento.

Assim resta a pergunta desconcertante de Benjamin (1986, p. 115), ao indagar sobre “qual o valor de todo patrimônio cultural, se a experiência não se vincula a nós?”. A pobreza de experiência leva a um ser humano desencantado, entristecido, com falta de ânimo e alegria, não pela falta de experiência, mas pelo não desejo de outras novas, pois se vê atropelado pelo excesso de informações que não se converte em experiências, impostas pelas fantasias da indústria do entretenimento presente nos meios de comunicação.

Portanto, Benjamin teceu de forma emblemática o empobrecimento da experiência na era do progresso em tempos da técnica na modernidade com seus reveses e contradições. Contudo, para Giorgio Agambem (2005) e Janne-Marie Gagnebin (2007), pode se observar que a perda de experiência está muito além dos contextos de guerra e sofrimento, presente até mesmo no cotidiano da existência das pessoas, ainda que descansada sobre a paz e a tranquilidade de nossas cidades, se comparada com outros tempos de guerra.

Para Agambem,

o dia-a-dia do homem contemporâneo não contém quase nada que seja ainda traduzível em experiência: não a leitura do jornal rica em notícias do que lhe diz respeito a uma distância insuperável; não os minutos que passa, preso ao volante, em um engarrafamento; não a viagem às regiões íferas nos vagões do metrô nem a manifestação que de repente bloqueia a rua. [...] O homem moderno volta para casa à noite extenuado por uma mixórdia de eventos – divertidos ou maçantes, banais ou insólitos, agradáveis ou atroz – entretanto nenhum deles se tornou experiência (AGAMBEN, 2005, p. 22).

Já Gagnebin (2007, p. 2), em seu texto “A primavera adorável perdeu o seu odor”, ao retomar as ideias de Georg Simmel (1973)<sup>4</sup>, analisa a transformação do espaço social da grande cidade, que representaria a vitória do racionalismo e do individualismo sobre a individualidade, em detrimento das relações sociais mais orgânicas, mais efetivas, mais comunitárias. Na sintonia com o pensamento de Simmel, Gagnebin, vai dizer que o

---

<sup>4</sup> Georg Simmel foi um sociólogo alemão. Janne-Marie Gagnebin retoma suas ideias a partir de um artigo de sua autoria, sobre obra de Walter Benjamin, “Alguns motivos em Baudelaire”.

citadino moderno é um indivíduo isolado, entregue à multidão no trabalho, na rua, em casa, seu olhar é submetido a um excesso de estímulos em detrimentos de outros sentidos, incapaz de acompanhar e explicitar tudo o que vê, indiferente a uma atitude contemplativa, incorrendo numa perda da aura das coisas. Tal situação e condição acaba por provocar o enfraquecimento radical da experiência, marcada pelo distanciamento dos seus pares e da alteridade do mundo e do sagrado, pois sua comunicação intersubjetiva sofre abalo irreparável, restando o isolamento e o silêncio emudecedor. O emudecimento dos soldados após a primeira guerra é agora o reflexo pálido da imagem dos indivíduos das metrópoles (GAGNEBIN, 2007, p. 1-3).

Assim, a existência cotidiana torna-se fria, insuportável devido a incapacidade de traduzir-se em experiência, pois tudo é efêmero, e a pressa, a ordem do dia, antes vista como imperfeição, agora é, nesta inversão de valores, o que determina tudo, pois o tempo é dinheiro, convertido como máxima a reger os atos e decisões das pessoas. Por isso, já afirmava Benjamin: “O homem de hoje não cultiva o que não pode ser abreviado” (BENJAMIN, 1992b, p. 36).

Jarek (2014), reflete que a principal consequência deste estado de coisas é o rompimento do intercâmbio de experiências, o aniquilamento da memória do indivíduo, a perda do sentido de história, processo que tem reflexos profundos na formação de cada sujeito, implicando seus valores e concepção de mundo.

Essa “pobreza de experiência”, a qual Benjamin se refere, deve-se muito à perda da capacidade das pessoas intercambiarem seus conhecimentos, trocarem seus saberes entre si. Processo indispensável para formação/educação de sujeitos plenos de conhecimento e mesmo enquanto sujeitos da história (JAREK, 2014, p. 303).

Por isso, Benjamin (1992b), ao testemunhar a perda da experiência do narrar, da memória, do fazer história, relata que o tempo presente, marcadamente moderno, como afirma Gagnebin (2007), é regido pelo choque, pela experiência do choque, pois toda experiência deste homem se vê diante da impossibilidade de ser autêntica. Nesta linha, corrobora Meinerz, ao afirmar que,

o excesso de estímulo que caracteriza a experiência do choque nasce e desenvolve-se na esfera da *Erlebnis*, a experiência vivida, que necessita ser absorvida ou incorporada imediatamente. As excitações sensoriais em demasia (visuais, auditivas, táteis, etc.) das pessoas nas cidades, produzem efeitos imediatos e constantes na consciência. Por questão de sobrevivência, não há tempo nem espaço para degluti-las, mas sim, deve-se assimilar tais impressões o mais depressa possível, já que estas se sucedem simultaneamente num ritmo frenético. Portanto, abrandados e polidos pelo consciente, os choques não se

fixam na memória profunda, são acervo das lembranças conscientes tornando-se, segundo Benjamin, estéreis para a experiência (MEINERZ, 2008, p. 46).

Para Larossa (2002), o empobrecimento da experiência é reflexo da não compreensão de que o ser humano não se enquadra no tempo da máquina, na rapidez da técnica. Em concordância com Benjamin, defende que a experiência exige rompimento, força de interrupção, para que seja autêntica e possa efetivamente acontecer.

Por isso, Larossa afirmava que

a experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço (LARROSA, 2002, p. 24).

Esta interrupção aludida por Larrosa, de alguma forma constituiria em um momento de experiência ao se contrapor aos diversos mecanismos, instrumentos e constructos que sabotam ou mesmo ofuscam e negam o sentido de experiência na vida humana, ao ter o poder de redimensionar os nossos sentidos, aguçar a sensibilidade ao criar abertura para a intensidade do momento vivido.

Seja como for, em face do exposto acima, considerando e perpassando pelas ideias e concepções benjaminianas sobre experiência bem como as contribuições dos demais autores que discutem sobre o pensamento de Benjamin, pode-se entender que o sentido de experiência é fundamental para pensar o ser humano no âmbito da cultura e da construção das relações sociais históricas. Ela pode dizer a respeito da humanização e do próprio processo de desumanização, se tomada com base as razões históricas e circunstâncias que provocam o seu empobrecimento.

Na diversidade de experiências que marcam nossa existência, ao entrelaçar cultura, memória, narrativa, história, tradição, a experiência lança as bases do humano em cada um de nós, cria em cada sujeito um diferencial, uma singularidade que deve constituir a base de toda a formação, antes de qualquer outra perspectiva e abordagem. Resgatar o sentido de experiência apresenta-se como uma possibilidade de elevação e

construção do ser humano, tão danificado e diminuído em uma sociedade que se primou pela razão e pela técnica.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ler e conhecer o pensamento de Walter Benjamin constitui um exercício de crescimento intelectual, em si, uma potencialização da própria experiência, que vai sendo redescoberta e fortalecida de seus pontos de ruptura e apequenamento. Os escritos de Benjamin são sempre uma oportunidade de reflexão, crítica e análise da realidade.

Ao percorrer o pensamento de Walter Benjamin e perceber que suas palavras ecoam no tempo, e estão presentes, por meio de outros olhares e palavras de diversos autores na atualidade, fica a intuição de que o empobrecimento do sentido de experiência é também e muito mais uma síndrome do nosso tempo. O ser humano em nossos dias, vive anestesiado pela tecnologia, atordoado com inúmeras experiências, atropelado pelo excesso de informação visual e sonora. Está tão concentrado que por vezes parece desconectado de si mesmo e da realidade.

Nem Benjamin e nem estas páginas defendem uma crítica negativa e a “destecnologização”, isto é, uma ação contrária, um modo de vida menos “tecnológico” da sociedade como forma de recuperar o verdadeiro sentido da experiência. Até porque isso não é possível. No entanto, é preciso pensar criticamente os efeitos subjetivos deste empobrecimento do existir humano na aceleração da vida com os diversos inventos tecnológicos. Na mesma medida, é preciso também ter uma postura crítica e uma consciência ética diante dos apelos mercadológicos impostos pela sociedade capitalista, que tende a reduzir tudo ao sentido consumista de mercadoria.

Os benefícios e valores das técnicas e tecnologias são inegáveis, mas também o seu uso incontrolável pode afetar o ser humano. Educar para o uso consciente, ético e responsável da tecnologia é o caminho que precisa ser trilhado. Por outro lado, resgatar o verdadeiro sentido de experiência que possa nortear a existência humana é um imperativo que se impõe. Como superar a mecanização da vida impetrada pela tecnologia? É o questionamento que deve provocar um debate e que necessita de reflexões e análises capazes de orientar o indivíduo em sociedade.

O debate segue aberto, tão aberto como as feridas existenciais e sociais causadas pelo uso desmedido da tecnologia e seus mirabolantes inventos que impactam sobre



nossas experiências, subtraem nosso tempo, roubam-nos de nós mesmos e do outro, devido ao fascínio hipnotizante de cores, sons, movimentos, imagens que seduzem, capturam, prendem e anestesiavam.

## REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. Tradução coordenada e revista por Alfredo Bosi. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

AGAMBEM, G. **Infância e História: destruição da experiência e origem da história**. Tradução Henrique Burigo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

BENJAMIN, W. **Sobre el Programa de la Filosofia Futura**. In: Sobre el Programa de La Filosofia Futura y otros ensayos. Trad. espanhol Roberto J. Vernengo. Caracas: Monte Avila Editores, 1970. Disponível em: <  
[http://puertolibros.com/detalle\\_libro.php?libro=12418](http://puertolibros.com/detalle_libro.php?libro=12418) >. Acesso em: 25 de Ago. 2023.

\_\_\_\_\_. **Experiência e pobreza**. In: Magia e Técnica, Arte e Política. Trad. Paulo Sérgio Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1986.

\_\_\_\_\_. Experiência e pobreza. **Documentos de Cultura, documentos de barbárie: escritos escolhidos**. (Trad. Celeste H. M. Ribeiro de Souza e outros). São Paulo: Cultrix, 1986, p. 195-99.

\_\_\_\_\_. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. **Magia e Técnica, Arte e Política**. São Paulo: Brasiliense, 1987. p. 213-248.

\_\_\_\_\_. **Charles Baudelaire, um lírico no auge do capitalismo**. Trad. José Martins Barbosa e Hermerson Alves Batista. São Paulo: Brasiliense, 1989. (Obras escolhidas, v.3)

\_\_\_\_\_. **Sobre Arte, Técnica, Magia e Política**. Trad. Maria Luz Moita. Lisboa: Relógio D'Água, 1992 a.

\_\_\_\_\_. Teses sobre a filosofia da história. In: **Sobre Arte, Técnica, Magia e Política**. Trad. Maria Luz Moita. Lisboa: Relógio D'Água, 1992 b.

\_\_\_\_\_. **Magia e técnica, arte e política**. Obras escolhidas. 7ª edição. Tradução de Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1992 c.

\_\_\_\_\_. **A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica**. Apresentação, Tradução e Notas: Francisco De Ambrosio Pinheiro Machado, 1ª Reimpressão, Porto Alegre, RS: Zouk, 2012.

\_\_\_\_\_. **A Obra de arte na Era de Sua Reprodutibilidade Técnica** (Org. e Prefácio – Márcio Seligmann-Silva). Tradução: Gabriel Valladão Silva, 1ª Edição, Porto Alegre, RS: L&PM, 2013.

GAGNEBIN, J. M. **Do Conceito de Mimesis no Pensamento de Adorno e Benjamin.** Perspectivas, v. 16, 1993

\_\_\_\_\_. **Nas fontes paradoxais da crítica literária. Walter Benjamin relê os românticos de Iena.** In: Leituras de WB. Org Marcio Seligman Siva. São Paulo: FAPESP: Annablume, 1999.

\_\_\_\_\_. **Le printemps adorable a perdu son odeur** (A primavera adorável perdeu o seu odor). 2007. Disponível em:  
<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1517-106X2007000100005&lng=en&nrm=iso&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-106X2007000100005&lng=en&nrm=iso&tlng=pt)>. Acesso em: 17 de jul. 2023.

JAREK, M. Por uma outra experiência na Educação. In: MARTINS, Francisco Marcos. **Filosofia da Educação:** ensaio sobre autores clássicos. EDUFUSCAR. São Carlos 2014.

JUNKES, D. Por uma outra experiência na Educação. In: MARTINS, Francisco Marcos. **Filosofia da Educação:** ensaio sobre autores clássicos. EDUFUSCAR. São Carlos 2014.

KANT, I. Resposta à pergunta: o que é o esclarecimento? In: **Kant, Textos seletos.** Trad.: Raimundo Vier. 3. edição. Petrópolis, Vozes, 2005.

\_\_\_\_\_. Prolegômenos a toda a metafísica futura que se possa aprender como ciência. Trad. Tânia Maria Beernkopf. In: **Os Pensadores.** São MEINERZ, 2008. São Paulo: Abril Cultural, 1974.

KONDER, L. **Walter Benjamin: o marxismo da melancolia.** Rio de Janeiro: Campus, 1998.

LARROSA, J. **Notas sobre a experiência e o saber da experiência.** Revista Brasileira de Educação. Nº 19. Jan-Abr 2002. Disponível em:  
<[http://www.anped.org.br/rbe/rbedigital/RBDE19/RBDE19\\_04\\_JORGE\\_LARROSA\\_BON DIA.pdf](http://www.anped.org.br/rbe/rbedigital/RBDE19/RBDE19_04_JORGE_LARROSA_BON DIA.pdf)>. Acesso em: 20 de Ago. 2023.

MATOS, O. **A escola de Frankfurt.** Luzes e sombras do iluminismo. São Paulo: Moderna, 1993.

\_\_\_\_\_. **O Iluminismo visionário:** Benjamin, leitor de Descartes e Kant. São Paulo: Brasiliense, 1993.

\_\_\_\_\_. **Os arcanos do inteiramente outro.** Escola de Frankfurt, a melancolia e a revolução. São Paulo: Brasiliense, 1989.

MEINERZ, A. **Concepção de experiência em Walter Benjamin.** Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2008. Acesso em: 25 de março de 2015. Disponível em:



<<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/15305/000677160.pdf>>. Acesso em:  
23 de Ago. 2023.

SIMMEL, Georg. “A metrópole e a vida mental”. In: VELHO, Otávio Guilherme  
(org.). **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1973.

*Submetido em: 08/11/2023*

*Aceito em: 17/02/2024*